

Presidente ironiza manifestações

Em entrevista à GloboNews, Fernando Henrique critica os protestos da oposição e diz entender queda da sua popularidade

“Será a Marcha dos Sem Rumo”. Com essa ironia, o presidente Fernando Henrique comentou a Marcha dos Cem Mil, programada para a próxima quinta-feira em Brasília e idealizada pelos partidos e organizações de oposição ao governo. A crítica do presidente ao movimento foi feita durante entrevista transmitida ontem a noite pelo canal de TV a cabo *GloboNews*.

Conduzida pelos jornalistas Miriam Leitão e Franklin Martins, a entrevista de 60 minutos tratou basicamente de temas econômicos como taxa de juros, reforma tributária e previdenciária. Mas o presidente, no entanto, foi mais enfático no discurso justamente quando trocou a economia pela política.

“Essa marcha não vai dar em nada. Esse negócio de *fora FHC* é anti-democrático, golpista, a oposição não tem rumo nem proposta alguma”, acusou Fernando Henrique, que também reclamou da atuação do líder do

PT na Câmara, deputado José Genoíno (SP).

“Genoíno podia andar comigo pelo país para ver o que eu fiz em energia elétrica, estradas, educação, em vez de ficar por aí ao lado da UDR”, alfinetou o presidente, referindo-se ao apoio dos petistas à conservadora União Democrática Ruralista na questão da dívida dos produtores rurais.

O presidente falou também do julgamento de Eldorado dos Carajás e condenou a absolvição dos policiais militares, acusados de matar 19 sem-terra. “Eu, como cidadão, fiquei muito ruim para o Brasil. A imprensa internacional tem razão”, reconheceu o presidente quando a jornalista Miriam Leitão falou que os jornais internacionais noticiaram incompetência brasileira no trato de crimes cometidos por policiais militares.

Os jornalistas insistiram no tema da queda de popularidade do presidente que, na última

Wanderlei Pozzembom 19.7.99



FHC: “(O deputado José) Genoíno podia andar comigo para ver o que fiz em energia, estradas, educação”

pesquisa alcançou 66% de desaprovção, marca próxima à do ex-presidente Fernando Collor às vésperas do impeachment. “O senhor acha que o povo está sendo injusto?”, perguntou Franklin Martins.

“Acho que o povo não está errado. Está sentindo as consequências de um ajuste duríssimo,

fomos obrigados a fazer tudo que é ruim. Aumento de energia elétrica, de combustíveis e de tarifas. Sou presidente da República e tenho obrigação com o país”, respondeu Fernando Henrique.

Sobre as crises na base política do governo, e mais especificamente sobre as críticas do presi-

dente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), à política social do governo, Fernando Henrique foi bem mais ameno do que no discurso utilizado contra a oposição. “É evidente que quando um presidente da República perde a popularidade cria-se problemas na base de apoio, mas não posso deixar de

respeitar a opinião de um presidente do Senado”, desconversou.

A reforma tributária também esteve em pauta e o presidente chegou a usar tom de desabafo. “Cansei, cansei mesmo, de dizerem que não tenho firmeza nesse tema. Vou dizer aqui qual é o meu ponto de vista sobre a reforma tributária”. E disse: “Não quero uma reforma meia sola, quero uma reforma que vá à raiz das questões. Quero que essa reforma esteja orientada basicamente pelo contribuinte. Ela não vai ser feita para aumentar a arrecadação dos estados, dos municípios ou da União”.

Na opinião do presidente, algumas das medidas mais importantes na área tributária são o fim dos *imposto cascata* e a aprovação da quebra do sigilo bancário. Mas ele defendeu a manutenção da cobrança da CPMF. “A CPMF é um instrumento de controle para o Fisco”.

Sobre assuntos internacionais, Fernando Henrique garantiu que o Brasil não fará nenhuma intervenção na Colômbia, país agora submerso pela crise causada pela guerrilha e pelo narcotráfico. “Podemos ser mediadores nas negociações, mas não faremos nenhuma ação militar na Colômbia”, garantiu.